



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
EUGENIA PRISCILA PEREIRA XAVIER**

**ATIVIDADES LÚDICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA POSSÍVEL**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

EUGENIA PRISCILA PEREIRA XAVIER

**ATIVIDADES LÚDICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA POSSÍVEL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

ORIENTADORA: Prof^ª. Ms. Andréia
Dutra Escarião

João Pessoa- PB
2014

X3a Xavier, Eugenia Priscila Pereira.

Atividades lúdicas na educação infantil: uma proposta pedagógica possível / Eugenia Priscila Pereira Xavier. – João Pessoa: UFPB, 2014.

56f. ; il.

Orientador: Andréa Dutra Escarião
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Lúdico. 3. Prática pedagógica. I.
Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

EUGENIA PRISCILA PEREIRA XAVIER

**ATIVIDADES LÚDICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA
PEDAGÓGICA POSSÍVEL**

Monografia, apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Data da aprovação: 22 de agosto de 2014

Banca examinadora:

PROF.^a. Ms. ANDRÉIA DUTRA ESCARIÃO

Orientadora

PROF.^a. Ms. MARIA DOS MILAGRES F. DINIZ CHAVES

Examinadora

PROF.^a. Ms. SANTUZA MÔNICA DE FRANÇA P. DA FONSECA

Examinadora

Dedico este trabalho a Deus que sem Sua força todos os meus esforços não teriam sido válidos e a todas as crianças com o ardente desejo que possam ter uma infância repleta de sonhos, imaginação, amor, saúde, felicidades e muita brincadeira.

"Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem."

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

À Deus e a Nossa Senhora, que foram a motivação maior durante todo o caminho percorrido até aqui, somente Eles para me proporcionar tamanha força e coragem durante esses anos;

A toda a minha família, pela torcida e pelo apoio durante todos os anos do curso;

A Felipe Emanuel, meu noivo, que acompanhou todo esse percurso sempre incentivando e torcendo, me apoiando nos momentos mais difíceis;

A todos os meus professores (as) por terem contribuído, cada um à sua maneira, para a minha formação acadêmica e pessoal, em especial, as professoras Glória Escarião e Marilene Salgueiro, que embora não tenham sido minhas professoras em sala de aula, mas acompanharam o projeto desenvolvido pela professora Andréia, juntamente comigo e as demais bolsistas. Muito obrigada;

A minha Orientadora Prof^ª Ms. Andréia Dutra Escarião pelo amor e carinho que em todos os momentos, pela paciência, pela disponibilidade em sempre ajudar, pelas sugestões, dicas e orientações, por ter confiado em mim desde o começo, estreitando os laços acadêmicos e se tornando uma excelente amiga, muito mais que uma professora, um exemplo a seguir. Muito obrigada;

A Prof.^a Ms. Santuza Mônica que proporcionou os primeiros espaços de reflexões sobre a inclusão das pessoas com deficiência e que na reta final do curso sobre compreender a aflição de toda a turma com muito carinho;

A querida Prof. Dr.^a Ana Luisa Nogueira de Amorim, pela imensa colaboração durante as suas aulas e depois com as discussões, partilhas e conversas sobre a vida e sobre a infância. Foi uma satisfação tê-la como professora, pois tenho certeza que ela contribuiu bastante para a minha formação;

A Escola de Educação Básica da UFPB (EEBAS) que me recebeu durante os dois anos da pesquisa, em especial as crianças, que com tanto carinho me acolheram a cada visita;

A Mercia Ferreira de Assis, supervisora de estágio da Direção de Ensino da Escola Técnica de Saúde da UFPB, que contribuiu bastante para minha formação humana e acadêmica. Muito obrigada;

Aos queridos amigos, que compreenderam minha ausência nesses momentos finais, eles que de forma especial, me apoiaram e torceram para que tudo desse certo.

Obrigada a todos.

RESUMO

O trabalho intitulado “**Atividades lúdicas na Educação Infantil: uma proposta pedagógica possível**” é o resultado da discussão feita a partir de uma pesquisa que foi desenvolvida através do Programa de Licenciaturas (PROLICEN/UFPB), durante os anos de 2012 e 2013 na Escola de Educação Básica do Centro de Educação da UFPB. Através dos estudos em torno da Educação Infantil e utilizando uma perspectiva que atendesse as necessidades da criança pequena na escola traçamos como objetivo geral analisar como as atividades lúdicas estão sendo utilizadas pelos educadores na Educação Infantil para favorecer os processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança pequena na escola. Como objetivos específicos nos propusemos a identificar as contribuições da brincadeira como ação pedagógica lúdica no desenvolvimento integral da criança pequena; avaliar o empenhamento do docente nas ações educativas desenvolvidas, e elencar as dificuldades encontradas pelos professores da educação infantil em utilizar a brincadeira como meio de favorecer o desenvolvimento integral da criança pequena. Nesse sentido, a pesquisa visou responder à seguinte questão: Como as atividades lúdicas estão sendo utilizadas pelos educadores na Educação Infantil? Com a finalidade de responder nossa questão de pesquisa e atingir os objetivos propostos, nos pautamos na análise documental nacional como a Constituição Federal (CF/1988); Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/1996); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI/1998); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2010); Conselho Nacional de Educação (CNE, 2009), assim como a contribuição teórica de alguns autores como Conh (2005); Friedmann (2005); Kishimoto (1994); Luckesi (1998); Oliveira (2011); Piaget (1978); Kramer (2005); Vygotsky (1998); dentre outros. A pesquisa realizada foi de natureza etnográfica e de participação, nos permitindo uma vivência direta na realidade da pesquisa. Após a análise dos dados evidenciamos que, não há como pensar em criança e não lembrar de jogos, brinquedos e brincadeiras, por isso, também não se pode falar em uma escola que favoreça o desenvolvimento e o aprendizado da criança, sem relacionar esses aspectos à brincadeira, a uma prática pedagógica que objetive o aprender brincando. Embora tenhamos encontrado professores que não utilizem a brincadeira em suas aulas, através dessa pesquisa, pudemos trazer uma ampla reflexão da produção de práticas educativas em prol da melhoria da educação básica através do lúdico. Neste sentido, a ludicidade é utilizada como instrumento de ação pedagógica contribuindo tanto para a eficácia na prática do educador quanto para o favorecimento da aprendizagem significativa.

PALAVRAS CHAVE: Educação Infantil. Prática Pedagógica. Brincadeira.

ABSTRACT

The entitled job “**Playful activities in Children Education: a possible pedagogic proposal**” is the result of the discussion done from a research which was developed by the Licenciature Program (PROLICEN/UFPB), during the years of 2012 and 2013 in the Basic Education School from the Education Center at UFPB. Throughout the studies around Children Education and using a perspective that attended the children necessities at school, we traced as a general objective to analyse how the playful activities are being used by the teachers in Children Education to favor the development and learning processes of the children at school. As specific objectives we proposed ourselves to identify the joke contributions as playful pedagogic action in the children integral development; evaluate the teacher commitment in the educative actions developed, and also list the difficulties found by the children education teachers in using the joke as a way to support the children integral development. By this sense, the research was target to answer the following question: how are the playful activities being used by the Children Education teachers? With the purpose on answer our question and achieve the objective proposed, we pauted ourselves in the nacional documental analisys, such as the Federal Constitution (CF/1988); Teens and Children Status (ECA/1990); Basis and Guidelines Laws of the National Education (LDBEN/1996); Nacional Curricular Referential to the Children Education (RCNEI/1998); National Guideline Curriculum to the Children Education (DCNEI/2010); National Education Departament (CNE, 2009), theoretic authors contribution as Conh (2005); Friedmann (2005); Kishimoto (1994); Luckesi (1998); Oliveira (2011); Piaget (1978); Kramer (2005); Vygostsky (1998); and others. The research was done with an ethnographic and participation nature, allowing us a direct experience in the research reality. After the data analysis, we evidenced that we can't think about children without remembering the games, toys and jokes, that's why it can't speak about a school which favors the children development and learning, without relate these aspects with the games and jokes, to a pedagogic practice in which objective the learn, playing. Although we have found teachers who do not use the games in their classes, with this research, we could bring a big reflection about the practice educative productions in favor to the basic education by the playful. In this way, the playfulness is used as an instrument of pedagogic action, contributing either to the teacher practice effectiveness or to the favoritism to the meaningful learning.

KEY WORDS: Children Education. Pedagogic Practice. Joke

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	14
CAPÍTULO II – AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA A CRIANÇA PEQUENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	20
1.A formação lúdica do professor.....	22
CAPÍTULO III – OS REGISTROS DA PESQUISA	27
1. O campo da pesquisa.....	28
2.As atividades desenvolvidas	30
3.Discussões e resultados	35
3.1Área de conhecimento	35
3.2Desenvolvimento Psicomotor	36
3.3Socialização.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
Apêndice.....	47
Anexo	55

INTRODUÇÃO

Este trabalho está direcionado as relações estabelecidas pela ludicidade como uma proposta pedagógica para educadores da Educação Infantil. O interesse pelo tema surgiu através do contato com questões sobre a presença do lúdico no espaço escolar, com foco nas atividades propostas por educadores da educação infantil, levantadas durante o curso de Pedagogia, na disciplina de Organização e Prática da Educação Infantil e estágio supervisionado.

A partir das observações realizadas durante o estágio e a relação com os textos estudados surgiram alguns questionamentos em torno da proposta de utilização do lúdico na escola: Qual a importância do brincar? Quais os objetivos o educador pretende alcançar através da brincadeira? Que estratégias utilizar durante as atividades lúdicas para que contribuam com o desenvolvimento das crianças?

Através da participação como bolsista do Programa de Licenciaturas (PROLICEN) com o projeto **“O brincar favorecendo o desenvolvimento e aprendizado da criança pequena na escola”**, surgiu a oportunidade de ampliar os conhecimentos e discutir sobre os questionamentos que emergiram durante o período de estágio. Portanto, esse trabalho é produto da pesquisa desenvolvida no projeto (PROLICEN), durante os anos de 2012, 2013 realizado na Escola de Educação Básica da UFPB, lócus da pesquisa, sob a orientação da Prof^a. Ms. Andréia Dutra Escarião.

Com esta pesquisa tivemos a oportunidade de realizar estudos sobre a Educação Infantil por meio de documentos oficiais e estudos bibliográficos envolvendo a temática. Além disso, os debates ocorridos nas reuniões de estudos e pesquisa que desenvolvemos nos fez discutir sobre informações recorrentes no País, no Estado e principalmente em nosso Município, relacionadas à Educação Infantil. Sendo assim, é importante destacar o quanto a pesquisa, com o projeto do PROLICEN, foi significativa para o desenvolvimento e recorte desse trabalho monográfico intitulado: **“Atividades lúdicas na Educação Infantil: uma proposta pedagógica possível”**.

Nesse sentido, com base nesses elementos, a pesquisa realizada visou responder à seguinte questão: Como as atividades lúdicas estão sendo utilizadas pelos educadores na Educação Infantil?

Para responder a essa questão, a pesquisa teve como objetivo geral analisar como as atividades lúdicas estão sendo utilizadas pelos educadores na Educação Infantil para favorecer os processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança pequena

na escola. Os objetivos específicos foram: identificar as contribuições da brincadeira como ação pedagógica lúdica no desenvolvimento integral da criança pequena; avaliar o empenhamento do docente nas ações educativas desenvolvidas, e elencar as dificuldades encontradas pelos professores da educação infantil em utilizar a brincadeira como meio de favorecer o desenvolvimento integral da criança pequena.

Elaboramos as seguintes etapas de pesquisa para o alcance dos nossos objetivos: levantamento e estudo teórico sobre a temática; contato com a instituição lócus da pesquisa; observação das rotinas da sala de aula, aplicação de atividades com as crianças usando como referencial o planejamento da professora; e a análise dos dados à luz da teoria.

Para responder nossa questão de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, nos pautamos na análise documental nacional, a partir da Constituição Federal (CF/1988); Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990); Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/1996); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI/1998); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI/2010); Conselho Nacional de Educação (CNE, 2009). Assim como a contribuição teórica de alguns autores como: Conh (2005); Friedmann (2005); Kishimoto (1994); Luckesi (1998); Oliveira (2011); Piaget (1978); Kramer (2005); Vygotsky (1998); dentre outros.

Assim, através de documentos e escritos diversos, identificamos as contribuições históricas e atuais da formação para a cidadania na Educação Básica, com foco desde a Educação Infantil. É o resultado deste estudo que apresentamos aqui neste trabalho que, além dessa parte introdutória, está dividido em três capítulos e as considerações finais.

No primeiro capítulo apresentamos uma contextualização histórica sobre Educação Infantil, à luz de Ariès (1986), Kuhlmann Jr (2000), Kramer (2005) e Oliveira (2011), bem como os avanços ocorridos em relação às crianças e as instituições que as atendiam, a conquista do direito a Educação Infantil e os desafios existentes para uma educação que contemple o desenvolvimento integral das crianças.

No segundo capítulo através de uma análise bibliográfica abordamos a brincadeira como um meio que favorece o desenvolvimento e o aprendizado da criança pequena na escola, destacando as influências do brincar e a formação lúdica do professor na Educação Infantil.

No terceiro e último capítulo apresentamos uma contextualização da pesquisa; o campo da pesquisa, os sujeitos envolvidos, as atividades que foram desenvolvidas e

apresentamos os resultados e discussões da pesquisa de campo no cotidiano da escola. Por fim, nas considerações finais, ilustramos um panorama de como foi a pesquisa e a relevância desse estudo, através de uma reflexão da realidade que vivenciamos durante os dois anos da pesquisa.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Durante muitos anos da história as crianças têm sofrido um processo de ocultação, quando lhe são negados os seus direitos, pois esse sujeito foi reprimido e caracterizado como um adulto em miniatura durante muitos anos.

Historicamente, podemos afirmar que a ideia de infância estava restrita a um determinado período da vida, diferenciado apenas em momentos que foram se delineando. O termo “infância” (in-fans) tem o sentido de “não-fala”, quando essa concepção se referir aos primeiros anos de vida, ou seja, quando a criança ainda não adquiriu sua língua. Mas não podemos esquecer que desde o nascimento a criança já começa a estabelecer uma comunicação com o seu lugar social, ou seja, através do meio elas constroem com outras pessoas uma comunicação; por meio do choro, do sorriso e dos gestos.

Sabemos que a criança aprende desde o seu nascimento. O desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança se estabelece a partir da sua interação com o mundo que a cerca e os olhares que lança sobre este mundo. (ESCARIÃO, 2009, p.62)

Essa concepção de criança que acabamos de descrever nem sempre foi assim e para isso precisamos compreender melhor o percurso histórico da infância.

Durante o Século XII e por um longo tempo, a criança logo que nascia não tinha aqueles cuidados vindos da família, o que muitas vezes levava a morte. Os pais não tinham o apego pelo recém nascido e esse descaso com a infância causou por muito tempo uma imagem de desprezo com a criança.

“... a história da infância é um pesadelo do qual só recentemente começamos a acordar. Quanto mais longe vamos na história, mais baixo e deficiente é o nível de cuidados para com a infância, maiores são as probabilidades de morte, abandono, espancamento e abuso sexual...” (DeMause, 1991:1)

De acordo com Ariès 1986, durante a Idade Média, antes da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa. Na sociedade medieval não havia a divisão territorial e de atividades em função da idade dos indivíduos, não havia o sentimento de infância ou uma representação elaborada dessa fase da vida (Ariès, 1986). O retrato de

família predominante na arte do século XVIII mostra estes sujeitos, antes inexistentes, formando parte do centro do mundo familiar, uma mistura de adultos e crianças.

O termo infância, como vimos acima, não era conhecido nesse período e dessa maneira a infância tinha uma longa duração e a criança acabava assumindo algumas responsabilidades, que certamente comprometiam o seu desenvolvimento.

Ainda nos estudos de Ariès, encontramos que a partir do final do Século XIX e início do Século XX começa uma nova tendência que vai separar o mundo das crianças do mundo dos adultos. A partir disso, muitas mudanças estão acontecendo decorrentes da industrialização e do desenvolvimento cultural e tecnológico, o que fez surgir uma necessidade de atendimento à criança, pois os índices de mortalidade eram muito altos.

Começaram então a surgir às entidades de amparo as crianças, na tentativa de solucionar os problemas, com os preceitos do Movimento das Escolas Novas, elaborados pelas transformações sociais ocorridas na Europa e trazidos para o Brasil pela influência americana e européia, decidiram então apostar na ideia do “Jardim de Infância” e aos poucos os pais começam a se interessar pelos estudos de seus filhos, passando assim a se importar mais com as crianças.

No entanto, mesmo a infância constituindo-se em um problema social desde o Século XIX, ainda não foi suficiente para torná-la um problema de investigação científica. Estudos apontam que até o início da década de sessenta a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa (Ariès, 1986).

Podemos perceber que os estudos de Ariès (1986) contribuíram bastante para a Educação Infantil, em todos os lugares, considerando a infância como uma categoria social. Mas isso só foi possível graças as conseqüentes mudanças de comportamentos dos adultos.

É na Idade Média que começa a se intensificar a ideia de que a criança deveria ser “normalizada”. Assim, começam a surgir os espaços institucionais onde a criança deveria ser educada para a disciplina e a moralização.

Na Idade Moderna, “a criança passa a ser considerada como um ser que precisa aperfeiçoar-se no tocante à obediência às normas da sociedade, só que de forma dócil, voluntária. Assim, dá-se início às instituições assistenciais e custodiais” (DIAS, 2008, p. 210). Nesse período, a educação das crianças estava centralizada para a ordem moral e religiosa, através de cuidados e regras prescritas, que deveriam ser por elas seguidas.

Durante muitos séculos o cuidado e a educação das crianças pequenas foram entendidos como tarefas de responsabilidade familiar, particularmente da mãe e de outras mulheres.

Foi no império que surgiram às primeiras instituições brasileiras de atendimento às crianças de zero a seis anos, com intuito de proteger as que eram abandonadas nas ruas, como os orfanatos, lares e os asilos para pobres e a Santa Casa de Misericórdia, com sua Roda dos Expostos, sendo esta, a mais distante referência que se tem no Brasil para identificar uma instituição de assistência à infância.

Nos estudos referentes a infância no Brasil, Kuhlmann Jr (2000) esclarece que a Roda dos Expostos chegou ao Brasil em 1726, e foi instalada nas Santas Casas de Misericórdia das principais cidades brasileiras: Salvador (1726), Rio de Janeiro (1738), Recife (1789), São Paulo (1825), São Luiz (1829) e Porto Alegre (1837).

Ao longo dos anos ocorreram inúmeras mudanças sobre a infância, que de certa forma, proporcionaram evoluções nas relações sociais, pois as crianças passaram a ocupar um papel central na família e na sociedade, representando os primeiros passos para um avanço no sentido de ver a criança com um sujeito de direitos.

Segundo Kramer (2006, p. 15):

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcados, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância.

Embora essa conquista ainda esteja acontecendo, para que de fato se compreenda a infância, situando-a como uma fase da vida na qual as crianças estão em pleno desenvolvimento.

Em meados de 1953 uma mudança importante havia ocorrido: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024/1961) trouxe à tona o debate em torno da inclusão das instituições de atendimento à criança no sistema de ensino. Entretanto, a citada Lei abordar o tema do atendimento às crianças pequenas em instituições próprias, não era citada a cerca da inclusão no sistema de ensino como se requeria.

Em 20 de novembro de 1959, em virtude de uma Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), a Declaração dos Direitos das Crianças foi aprovada por unanimidade, passando a criança, pela primeira vez na história, a ser considerada sujeito de direito.

Em 1985, com o término do período militar do governo, foi incluída uma nova política para as creches no Plano Nacional de Desenvolvimento, elaborado apenas em 1986. Começava-se a ser admitida a ideia de que creche não era de responsabilidade apenas da mulher ou da família, mas também do Estado e das empresas.

As lutas pela democratização da escola pública, junto à pressão dos movimentos feministas e de movimentos sociais de lutas por creches, possibilitaram a conquista, na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas educacionais. “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV- atendimento em creches e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade (BRASIL, CF, 1988, art. 208).

O Estado brasileiro, através da Constituição Federal, regulamenta-se o direito às crianças pequenas, reafirma o pacto federativo e o regime de colaboração entre os entes federados, mas atribui ao município a responsabilidade prioritária com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, como está citado no artigo 211 que afirma que “a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino. [...] § 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil” (BRASIL, CF, 1988, art. 211, parágrafo 2º. Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14/1996).

Foi a Constituição Federal que “pela primeira vez na nossa história, afirmou a cidadania da criança ao estabelecer que ela seja sujeito de direito”. Ao afirmar que a educação é um dos direitos sociais, esse documento assegura à criança desde o seu nascimento e o envolvimento a família, a sociedade e o Estado.

Na década de 90, com a promulgação do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA - LEI Nº 8.069/ 90), houve um significativo progresso para a construção do espaço de direito da criança.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não se refere especificamente ao termo Educação Infantil, mas traz em seu texto a preocupação em garantir os direitos das crianças e dos adolescentes. O ECA (1990) em seu art. 53 reafirma o direito constitucional da criança à educação nos seguintes termos:

Art. 53 – A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; IV – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência (BRASIL, ECA, 1990, art. 53, incisos I e IV).

Após seis anos do ECA, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394, de 1996 – trouxe, pela primeira vez, o termo Educação Infantil em um instrumento legal. Essa Lei, que pela primeira vez, colocou a Educação Infantil como parte integrante da educação básica em nosso país, e que foi alterada em 2013 pela **Lei nº 12.796, de 4 de Abril de 2013, ao afirmar que,**

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) - pré-escola; II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade. (BRASIL, LDB, 1996, art. 4, Redação dada pela Lei nº **12.796, de 4/4/2013**).

Nos artigos 29 e 30, a Lei de Diretrizes e Bases (nº 9394/96), define a Educação Infantil nos seguintes termos:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30 – A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (BRASIL, LDB, 1996, art. 29 e 30, Redação dada pela Lei nº **Lei nº 12.796, de 4/4/2013**).

A LDB (nº 9394/96) regulamentou os princípios constitucionais referentes ao direito social à educação e estabeleceu que a Educação Infantil, que inclui o atendimento em creches e pré-escolas, é a primeira etapa da Educação Básica. Desde então, define-se que as instituições de Educação Infantil devem passar a integrar o sistema de ensino e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança.

Em 1998, é elaborado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). O primeiro volume do documento destaca que as instituições de Educação Infantil devem “considerar as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de zero a seis anos, a qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania” (BRASIL, RCNEI, 1998, p.7). Dessa

maneira, o documento destaca questões como o cuidar e o brincar, visando à formação das crianças para que sejam atuantes de forma ética, crítica e exemplar no âmbito social.

Elaborada em 1999, a Resolução CNE/CEB Nº 1, de 7 de abril de 1999, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), documento que se propõe a nortear as propostas curriculares e os projetos pedagógicos, definindo como fundamentos norteadores: “Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum; Princípios Políticos dos Direitos e Deveres da Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática; Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade, da Qualidade e da Diversidade de manifestações Artísticas e Culturais” (BRASIL, DCNEI, 1999, p.10).

A Resolução CNE/CEB nº 5/2009 revoga a Resolução CNE/CEB Nº 1/1999, definindo as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) estando estas articuladas com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. A Resolução serve para orientar a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares para a educação infantil, assim definida:

Art. 5º A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, DCNEI, 2010, p.12).

Após séculos de histórias e lutas, ainda continuamos buscando melhorias e discutindo o espaço, os direitos e também deveres da criança, pois a escola é uma esfera pública que propicia a rica convivência na diversidade. Nas instituições escolares que ofertam a Educação Infantil a criança poderá vivenciar, pela primeira vez, uma nova realidade social, que contribuirá para seu desenvolvimento integral.

CAPÍTULO II

AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR PARA A CRIANÇA PEQUENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil deve ser a fase de observação das crianças, pelos professores e pela família. No entanto, muitas vezes deixamos passar essa etapa e não investigamos o porquê das ações.

A criança age de forma lúdica e sobre as relações do brincar, cuidar e educar podemos destacar que esses atos favorecem a aprendizagem, a maneira de assimilar e de acomodar o conhecimento, bem como o seu desenvolvimento. Para Vygotsky (2007, p. 114) “... as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade.”

A criança hoje trás consigo um desejo de questionar, de aprender, de descobrir, de ensinar, de conhecer e etc. Certamente, esse perfil que encontramos nos pequenos é o resultado dos desafios percorridos pela infância ao longo do tempo, saindo do oculto e tornando-se perceptível na sociedade.

Segundo Cohn (2005), levando em conta esse novo olhar para a criança na escola, devemos percebê-las como indivíduos atuantes. Nas palavras da autora:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou alguém que treina para a vida adulta. É entender que, onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações. (COHN, 2005, p.28)

Com isso percebe-se que a criança e o brincar caminham juntos. Deixar que a criança brinque é de fundamental importância, assim ela explora sua capacidade de descobertas e desenvolve habilidades.

O prazer característico da atividade de brincar, passou a ser visto como um componente da ingênua personalidade infantil, como uma atividade inata e que protegia dos males causados pelo trabalho árduo e desgastante do mundo adulto. A brincadeira passou a ser concebida como a maneira de a criança estar no mundo: próxima a natureza e portadora da verdade. (WAJSKOP, 1995, p. 63)

Em uma concepção histórica, na qual a Educação Infantil tem passado por avanços e retrocessos, buscamos aprimorar o olhar em uma perspectiva de educação que atenda as crianças em suas necessidades educacionais e humanas, destacando a importância da prática pedagógica voltada para os aspectos que priorizam a criança como um ser social.

Neste sentido para pensarmos em uma educação que priorize a criança, os estudos de Conh (2005), destaca que precisamos nos fazer capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista.

Através do aprender brincando, propomos indagações que relacionam a compreensão da linguagem lúdica, categoria que envolve jogos, brinquedos e brincadeiras como instrumento de ação pedagógica. Portanto, nas palavras de Pereira e Bonfim:

O brinquedo nada mais é do que uma forma de linguagem da criança, pois, através dele, ela representa ao mundo seu ritmo, sua harmonia e todo o potencial que existe dentro de si. Brincar é tão importante para a criança como trabalhar é para o adulto, pois é o que a torna ativa, criativa, dando-lhes oportunidade de se relacionar com os outros. (2009, p. 302)

Ao percebermos a importância de sua utilização “o lúdico é uma ponte para auxiliar na melhoria dos resultados que os professores querem alcançar” (KRAMER, 2007), porém, alguns profissionais desconsideram o lúdico como fator importante no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, muitas vezes os termos brincar e aprender são vistos como opostos.

Diante dessa concepção o brincar fica destinado apenas a Educação Infantil e o aprender aos demais anos escolar, como se não houvesse e pudesse ter alguma relação entre eles, quando na verdade a infância não se resume apenas aos anos iniciais da criança.

Nas escolas para crianças pequenas, é tarefa do professor oferecer uma variedade de atividades lúdicas e ajudar as mesmas a explorá-las ao máximo. Machado (2007, p. 43) afirma:

Para o profissional de educação infantil, a necessidade de oferecer condições que viabilizem as interações lúdicas tem como suporte o reconhecimento do especial valor destas interações para as crianças, em termos de elaboração de conhecimentos advindos do exercício ativo de papéis sociais, conhecimentos estes imprescindíveis ao desenvolvimento da consciência de si e do outro.

O que percebemos é que são raros os momentos em que as crianças têm contato com atividades lúdicas, ou seja, a brincadeira é separada rigidamente dos conteúdos escolares, como passatempos ou como uma pausa para o descanso muitas vezes.

No entanto, Vygotsky (1984, p. 109) destaca que “é enorme a influência do brincar no desenvolvimento de uma criança”. Mas os professores não tem valorizado o lúdico como um espaço favorável a eles e as crianças, tornando a brincadeira em um momento oportuno para organizar coisa da sala.

A utilização da linguagem lúdica é uma estratégia para ser usada como estímulo na construção do conhecimento. Segundo Kishimoto:

[...] quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidade e naturalidade. (1994)

Dessa maneira, a escola deve priorizar uma proposta pedagógica que atenda as necessidades da criança pequena, mas para isso é preciso pensar na brincadeira como instrumento de ação pedagógica. Escarião (2009, p. 111) ressalta a “importância do brincar como instrumento relevante nas atividades pedagógicas, de forma que leva a criança a desenvolver a sua criatividade, o seu pensamento, e a sua percepção acerca do mundo e das situações a sua volta”.

Neste contexto, destacamos a necessidade de formação do profissional da educação infantil enquanto a utilização das atividades lúdicas com foco no desenvolvimento e aprendizado da criança pequena na escola.

1. A FORMAÇÃO LÚDICA DO PROFESSOR

De acordo com as indagações sociointeracionistas, compreendemos a necessidade da formação do educador, quando ele torna-se responsável pelo processo de mediação, e nesse processo, devem-se priorizar as dimensões desenvolvimento, aprendizagem e ensino.

Para que ocorra a interação, o papel do mediador é primordial no desenvolvimento de construção das relações, portanto na escola, a intervenção é proposta pelo professor mediador do processo.

A análise das concepções e práticas escolares é de fundamental importância por parte dos profissionais, pois estes podem estar desconsiderando a infância que está contida na primeira e segunda fase da Educação Básica. Portanto, a brincadeira é utilizada como instrumento de ação pedagógica contribuindo tanto para a eficácia na prática do educador quanto para o favorecimento da aprendizagem significativa da criança pequena na escola.

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, por isso o educador dessa fase deve estar bem preparado para trabalhar com as crianças. Afinal, é nessa fase que se estabelecem as bases da personalidade humana. É durante a infância que se desenvolvem a inteligência, a socialização, o caráter, dentre outros, ou seja, ocorre a formação intelectual e social do indivíduo. Portanto, o professor (a) dessa fase será uma das pessoas que mais irá contribuir para a formação das crianças.

A ideia que existia durante muitos anos atrás de que qualquer pessoa, com ou sem formação, podia ensinar as crianças, porque era só brincar e cuidar, já está ultrapassada, como percebemos o professor deve ter formação e conhecer os aspectos do desenvolvimento da criança para que possa colaborar de maneira significativa na sua formação. Conforme destaca Vieira e Andrade (2010):

As primeiras experiências da vida são as que marcam profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de solidariedade e de responsabilidade. Entende-se a Educação Infantil como compromisso social e pedagógico por ser um espaço de produção de aprendizagens, pois se considera a capacidade de construção de conhecimentos pela criança na sua interação com o meio físico e social, bem como nas trocas interativas com outros sujeitos e o mundo social. (p. 59)

Compreendendo a importância da utilização do lúdico nas escolas como “uma ponte para auxiliar na melhoria dos resultados que os professores querem alcançar” (KRAMER, 2007), porém, alguns profissionais desconsideram o lúdico como fator importante no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, muitas vezes os termos brincar e aprender são vistos como opostos. O brincar fica destinado apenas a Educação Infantil e o aprender aos demais anos de ensino. Assim, os raros momentos que as crianças têm contato com atividades lúdicas são separados rigidamente dos conteúdos escolares, como passatempos ou como uma pausa para o descanso.

A escola deve priorizar uma proposta pedagógica que supra as necessidades das crianças. Portanto, a proposta de utilização do lúdico na escola, e principalmente como

recurso pedagógico deve ser bem direcionada. Mas, para isso, o profissional precisa esclarecer três questões primordiais: Qual a importância do brincar? Quais objetivos pretendem alcançar através da brincadeira? Que estratégias utilizar durante atividades lúdicas? A discussão sobre essas questões permeiam os estudos que enfatizam as contribuições do lúdico tanto na Educação Infantil, quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste sentido, Teixeira (2010) afirma:

Para que o brincar aconteça, é necessário que o professor tenha consciência do valor das brincadeiras e dos jogos para a criança, o que indica a necessidade de esse profissional conhecer as implicações nos diversos tipos de brincadeiras, bem como saber usá-las e orientá-las. (p.65)

O educador que desejar utilizar do lúdico como método que favoreça o aprendizado da criança precisa planejar as atividades que pretende desenvolver, conter registros que possibilitem o esclarecimento tanto dos objetivos, quanto das instruções para sua realização, dos aspectos trabalhados nos alunos, das áreas de desenvolvimento favorecidas, dentre outros. Teixeira (2010) destaca que todo professor que deseje utilizar o brinquedo precisa saber que sua principal característica como instrumento para mediar a aprendizagem é o prazer. Nas palavras da autora:

Ao utilizar o brinquedo nas aulas como material pedagógico, é importante que o professor não se deixe levar por uma liberdade de exploração, ou seja, simplesmente deixar os alunos em um determinado espaço brincando sem nenhuma orientação e consciência de suas ações. Deve haver planejamento, e as atividades devem ser mediadas pelo professor, desafiando os alunos na resolução de problemas, aumentando o repertório de respostas para suas ações, estimulando sua criatividade e, principalmente, contribuindo para a sua formação. (TEIXEIRA, 2010, p. 67).

Diante desta abordagem, ratificamos a necessidade da formação lúdica do educador, quando o mesmo precisa ter uma definição clara sobre a importância do jogo, do brinquedo e da brincadeira para a vida da criança. “Enquanto brinca, a criança, sem saber, fornece muitas informações a seu respeito. O brincar pode ser útil para estimular seu desenvolvimento integral e trabalhar conteúdos curriculares.” (FRIEDMANN, 2006, p. 24).

Vygotsky (2007, p. 114) já indicava que “o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejo”. Por isso, a brincadeira favorece as relações, ajuda a superar os medos, provoca descobertas e ajuda a solucionar desafios, além de despertar a coletividade e a introduzir nas crianças regras de convivência. Segundo Wajskop, “o contato, a

manipulação e uso dos brinquedos, por seu lado, possibilita às crianças uma aprendizagem multidisciplinar das formas de ser e pensar da sociedade”. (1995, p. 68)

O profissional com uma concepção lúdica irá permitir a identificação por meio de observações e estratégias dos aspectos que possibilitam o favorecimento do desenvolvimento e aprendizado da criança na escola.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), “por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular” (1998, p. 28).

Os profissionais da escola devem ter conscientização ao utilizar o lúdico, como instrumento de ação na prática pedagógica, no que diz respeito à importância das atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem da criança pequena. Portanto, para que isto ocorra, o documento Ensino fundamental de nove anos: Orientações gerais (2004) enfatiza que:

[...] é essencial assegurar ao professor programas de formação continuada, privilegiando as especificidades do exercício docente em turmas que atendem a crianças de seis anos. A natureza do trabalho docente requer um continuado processo de formação dos sujeitos sociais historicamente envolvidos com a ação pedagógica, sendo indispensável o desenvolvimento de atitudes investigativas, de alternativas pedagógicas e metodológicas na busca de uma qualidade social da educação. (p. 25)

No entanto, o professor precisa ser sempre um pesquisador em sua área, ir em busca de outros e novos conhecimentos. Percebemos que muitas vezes, os educadores da Educação Infantil inserem em seus planejamentos atividades que envolvem o lúdico, os brinquedos e as brincadeiras, mas ao sair da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, com apenas seis anos, há uma ruptura nessa ideia de planejar para as crianças e os professores muitas vezes já não envolvem mais jogos e brincadeiras nas atividades, limitando-se apenas ao material didático. De acordo com Wajskop:

[...] talvez apenas os adultos que suportem a circulação de uma metalinguagem no cotidiano profissional e aceitem agir com base em um conceito de trabalho prazeroso e criativo possam permitir-se brincar com as crianças. (1995, p. 68)

Assim, ratificamos a importância da formação do professor da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, para que sua prática tenha a intenção de olhar a

criança a partir dela mesma, possibilitando o seu desenvolvimento integral sob a perspectiva da aprendizagem significativa.

CAPÍTULO III

OS REGISTROS DA PESQUISA

Esse trabalho caracterizou-se como uma pesquisa etnográfica em razão da abordagem metodológica que nos permitiu uma vivência direta na realidade onde a pesquisa foi desenvolvida. De acordo com Severino (2007, p. 119) “olhando com uma lente de aumento”

Ainda conforme Severino (2007), podemos dizer que foi também uma pesquisa participante, pois:

É aquela que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. (p. 120)

Nesse trabalho podemos perceber que a pesquisa teve a influência direta do pesquisador e o quanto à produção dos dados, através das observações e interações com os sujeitos, trouxe registros de situações vivenciadas, fazendo o paralelo entre a teoria e prática.

Na pesquisa que foi desenvolvida através do projeto PROLICEN atendemos direta e indiretamente os docentes que se encontravam em pleno exercício de suas atividades na Educação Infantil e às crianças pequenas matriculadas na Escola de Educação Básica, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, durante os anos de 2012 e 2013.

Através do aprender brincando, propomos o incentivo à formação continuada dos professores da Educação Infantil, bem como o desenvolvimento e o aprendizado da criança pequena na escola.

A proposta de estudo qualitativa caracterizada como pesquisa e intervenção, contribuiu com a elaboração de propostas de atividades lúdicas que pudessem ser inseridas no planejamento dos professores que trabalhavam com crianças pequenas na escola, lócus da pesquisa.

A metodologia abordada priorizou a parceria e o trabalho coletivo, envolvendo a prática pedagógica desenvolvida no cotidiano de uma escola pública de Educação Infantil, inserida na UFPB.

A pesquisa envolveu dois docentes X e Y, e os alunos de suas respectivas turmas, proporcionando uma análise reflexiva e significativa sobre o brincar na Educação Infantil, apresentando propostas de atividades lúdicas que pudessem ser inseridas no planejamento e na sala de aula dos professores que trabalham com crianças pequenas.

A análise dos dados com os professores envolvidos na pesquisa foi feita por meio de questionário semiestruturado¹ e com as crianças através de observações, interações e interesses pelas atividades lúdicas que foram propostas de acordo com o planejamento da professora e do pesquisador.

1. O CAMPO DA PESQUISA

A Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba (EEBAS) foi o campo da pesquisa que resultou esse trabalho, localizada no campus universitário, bairro do Castelo Branco, na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, situada entre dois grandes bairros da cidade de João Pessoa: Bancários e Castelo Branco.

A escola é de natureza educacional destinada ao atendimento da Educação Infantil e Ensino Fundamental, sendo constituída por um lócus em que são vivenciadas pesquisas de extensão para desenvolver o bem estar da comunidade interna e externa a UFPB. Essas pesquisas são desenvolvidas por professores e estudantes dos cursos superiores, em suas diversas áreas do conhecimento, contribuindo para o processo de produção do conhecimento na graduação e pós-graduação e a efetivação do compromisso social da Universidade.

A Escola de Educação Básica se caracteriza pelo atendimento à comunidade ao entorno do Campus I da UFPB, tendo uma população diversificada com relação às condições socioeconômicas dos alunos e familiares.

A EEBAS apresenta um espaço físico rico em cores e formas de modo a estimular o desenvolvimento e aprendizado da criança, na qual destacamos: seis salas de aulas, espaço lúdico com brinquedos, sala de leitura, sala de jogos, sala de televisão, uma ambiente externo com parque, brinquedos diversos e área ampla de areia com brinquedos de escorregos, solário, uma sala da coordenação, uma secretaria, uma sala de serviço social, uma sala de professores, uma sala de espera, uma sala de apoio e

¹ APÊNDICE A – Questionário para entrevista com professores da EEBAS

manutenção, dois banheiros para adultos, um almoxarifado, uma cozinha, sala de enfermaria, um gabinete médico, uma sala de nutrição, quatro banheiros para crianças, um pátio coberto com dois ambientes e uma área de conveniência social.

As atividades foram desenvolvidas durante os anos de 2012 e 2013 e ocorreram nas turmas do PRÉ I, no turno da tarde, com crianças de faixa etária entre 4 e 5 anos, sempre com a permissão, intervenção e acompanhamento das professoras.

Para execução da pesquisa e das atividades foi pedida a autorização aos pais e/ou responsáveis das crianças através de um termo de consentimento (em anexo), referente às fotos do arquivo pessoal e que constaram nesse trabalho. Portanto, todas as crianças que se encontram presentes nas imagens que iremos expor, foram devidamente autorizadas.

Antes de descrever as atividades que propomos iremos expor um pouco do perfil das turmas e algumas características mais expressivas das mesmas.

A turma na qual trabalhamos no ano de 2012 possuía apenas nove alunos e mostravam-se muito agitados, falantes e com pouca concentração nos momentos das atividades. No entanto, quando sugeríamos alguma brincadeira eles mostravam interesse em participar.

Durante o ano de 2012 toda a comunidade da UFPB passou por um período de greve e isso afetou também a EEBAS. No início do ano letivo as faltas eram menos recorrentes, mas após o período de greve os alunos passaram a faltar bastante às aulas.

Nesse mesmo ano os alunos tiveram aulas de recreação que eram ministradas por alunos do curso de Educação Física, as crianças adoravam, mas após a greve as crianças deixaram de ter essas aulas, que eram muito importantes para o desenvolvimento das crianças. Com isso, os momentos de atividades lúdicas e recreativas passaram a ser feitas apenas com a nossa presença.

A professora X apresentava uma rotina bem tradicional para trabalhar com as crianças, através de atividades xerografadas ou no livro didático adotado, mostrando em alguns momentos até falta de interesse pelo processo de aprendizagem das crianças.

Os momentos lúdicos que proporcionava aos alunos era o brincar livre na acolhida, ao término das aulas e durante os intervalos (recreio). Não proporcionava nenhuma atividade como objeto disparador para a temática que iria trabalhar em sala, buscando despertar nas crianças a curiosidade e sondar os conhecimentos prévios dos alunos, o que os tornava ainda mais desconcentrados.

A turma que trabalhamos no ano de 2013 era um pouco maior possuía treze alunos e era mais agitada e dispersa que a turma do ano anterior. Até quando sugeríamos alguma brincadeira eles demonstravam pouco interesse em participar, e quando aceitava, realizava as atividades logo para se dispersar novamente com brigas e conversas paralelas.

As crianças faltavam muito à escola, mas tudo isso era consequência da falta de compromisso dos pais, por acreditar que as crianças iam à escola só para brincar, e que se faltasse um dia ou uma semana, não faria diferença no desenvolvimento e no aprendizado dos pequenos.

A professora Y também apresentava uma rotina bem tradicional trabalhando apenas atividades xerografadas e no livro didático, mas sempre se mostrou muito interessada pelo processo de aprendizagem das crianças, embora não tivesse experiência com a Educação Infantil, pois seus anos anteriores de trabalho na educação eram todos na Educação de Jovens e Adultos.

2. AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- **Amarelinha²**

Como foi realizada:

Usando uma fita adesiva colorida foram desenhados no chão os quadrados e retângulos para construção da amarelinha. Em seguida, os números de 1 a 10 e depois organizamos a sequência de jogadores por ordem alfabética.

A proposta de colocá-los em ordem alfabética foi para que pudesse perceber a primeira regra do jogo, que seria um jogador por vez, e que através das letras do nome deles, percebessem que o alfabeto está disposto em uma sequência chamada ordem alfabética.

Começamos a jogar com cada jogador escolhendo uma pedrinha e logo depois pisando no ponto de partida de onde jogaria a pedra para o espaço de número 1 devendo acertá-lo em seus limites. Desta maneira o jogo continuava e a criança pulava de um pé só nas casas isoladas e com os dois pés nas casas duplas, evitando sempre pisar no espaço onde estava a pedrinha.

² APÊNDICE B - Amarelinha

Ao chegar ao número 10, pisava com os dois pés e retornava pulando da mesma forma até as casas 2-3, onde o jogador precisa apanhar a pedrinha do chão que estava no espaço 1, sem perder o equilíbrio, e pular de volta ao ponto de partida.

A criança que fizesse todo a partida sem cometer erros, jogaria a pedrinha no espaço 2 e repetia todo o processo. Caso perdesse o equilíbrio, colocando a mão no chão ou pisando fora dos limites das casas, passava a vez para o próximo jogador, retornando a jogar do ponto em que errou ao chegar a sua vez na rodada seguinte. Ganhava o jogo quem primeiro alcançasse o espaço 10.

A realização da brincadeira foi bastante divertida e despertou nas crianças a cooperação, pois algumas não tinham o equilíbrio suficiente para pular de uma perna só e abaixar para pegar a pedrinha. Então, os colegas ajudavam servindo como apoio e estimulando com torcidas e fortes vibrações.

• **Bilboquê³**

Como foi realizada:

Ao mostrar as crianças o material que seria utilizado, na realização da brincadeira, muitos ficaram curiosos em saber como iríamos fazer; outros já conheciam e foram os ajudantes na construção do bilboquê.

Cada criança construiu o seu bilboquê seguindo as orientações que foram dadas paulatinamente. Iniciamos amassando folhas de papel usadas para construir a bola, em seguida amarramos o barbante à bola e envolvemos todo o papel com fita adesiva colorida para dar sustentação e firmeza.

Depois amarramos a outra ponta do barbante na “boca” da garrafa e fechamos a garrafa, prendendo firme com a tampa. Então, finalizamos a construção e começamos a brincadeira.

A criança segurava com apenas uma mão o copo que construímos com a garrafa e tentava acertar a bola de papel dentro do copo, sem tocar nela.

Quando tudo estava pronto foi um grande desafio. Alguns rapidamente conseguiram acertar, enquanto outros no início tiveram bastante dificuldade.

Uma criança disse assim: “- Tia, eu não consigo me concentrar nessas brincadeiras. Eu só consigo me concentrar para jogar vídeo game.” Foi muito interessante a colocação, pois ele havia percebido que o “segredo” do jogo era a

³ APÊNDICE C - Bilboquê

concentração. Como não conseguia se concentrar, não acertava a bola. Então, os colegas começaram a ajudá-lo dando dicas para que ele pudesse se concentrar e acertar.

Depois de um tempo foi muita animação e todos ficaram felizes, pois já acertavam a bolinha com muita naturalidade.

- **Jogo do boliche⁴**

Como foi realizada:

No jogo de boliche utilizamos cinco garrafas para fazer os pinos, as enumeramos com os números 1 e 2. Arrumamos uma fileira com três e outra com duas garrafas, e a uma distância marcamos a linha de arremesso.

A sequência do jogo ocorreu com os nomes em ordem alfabética que estavam no placar fixo ao quadro. Em seguida, combinamos as regras e começamos o jogo.

A criança rolava a bola no chão em direção aos pinos para tentar derrubá-los. A pontuação foi calculada de acordo com os números correspondentes aos pinos (garrafas) que foram derrubados. Cada criança marcou no placar a sua pontuação e ganhou aquele que fez mais pontos.

Ao final de cada arremesso, a criança arrumava os pinos para o próximo colega jogar, era uma das regras para estimularmos a coletividade.

Juntos marcaram a linha de arremesso, organizamos os pinos e a sequência de jogadores. Durante a jogada, era muita concentração e torcida quando o colega acertava e quando errava todos pediam uma nova chance. O placar as deixou muito empolgadas, pois queriam derrubar todos os pinos para preencher o placar com vários pontos.

Ao chegar à sala as crianças perceberem os materiais e logo ficaram ansiosas atrás de saber o que seria feito com aquelas garrafas, porque sempre que apresentávamos o material, perguntava o que poderíamos fazer, mas apesar do jogo de boliche não ser uma novidade foi aceito com muito entusiasmo por todos. Foi muito animado o nosso jogo.

- **Conhecendo as profissões⁵**

Como foi desenvolvida:

Iniciamos a atividade com uma conversa informal, perguntando as crianças o que elas gostariam de ser quando crescer, qual a profissão dos seus pais e quais as

⁴ APÊNDICE D – Jogo do boliche

⁵ APÊNDICE E – Conhecendo as profissões

profissões que achavam bonito. Aos poucos cada uma foi expondo sua opinião e seus sonhos de criança, como por exemplo, ser médico de cachorro para ajudar dos bichos que moram nas ruas.

Em uma caixa que haviam vários itens usados por diferentes profissionais, como: agulha e linha, câmera fotográfica, estetoscópio, escova de dente e creme dental, nariz de palhaço, seringa e colher de pau; cada criança colocava a mão sem olhar para dentro da caixa e retirava um objeto. Depois falava o nome do item, quem utilizava para trabalhar e fazia uma demonstração da profissão que aquele objeto representava.

Essa atividade foi desenvolvida quando a professora estava trabalhando as profissões. Então, antes dela introduzir o conteúdo e até mesmo falar para os pequenos qual seria o tema a ser trabalhado, desenvolvemos esse momento.

Foi muito divertido e instigante, pois a curiosidade das crianças aumentava a cada novo item que saia da caixa, e respondiam o nome do objeto e qual o profissional que usava com muita animação.

Um momento interessante foi quando uma menina retirou a linha e a agulha da caixa, e disse que quem usava aquele objeto era a sua avó, que fazia roupas para ela e para outras pessoas, logo percebemos que ela estava falando da costureira, certamente a profissão que sua avó desenvolvia e quando foi fazer a representação da profissão, pegou a pontinha da camisa e ficou fazendo movimentos com a agulha. Essa relação da criança foi muito significativa, pois mostrava o quanto aqueles objetos, linha e agulha, eram utilizados por sua avó para desenvolver a costura, tanto que despertava a observação da criança e a mesma fazia muito bem a relação.

O contato com os objetos foi super importante para o momento seguinte, pois a relação com o concreto despertou os conhecimentos e ajudou muito na hora de fazer a atividade do livro didático, tanto que não precisou explicar a tarefa, ao abrir a página e mesmo sem saberem ler, elas já perceberam o que deveria ser feito apenas pelas ilustrações da atividade no livro.

- **Pisando no ritmo**⁶

Como foi desenvolvida:

⁶ APÊNDICE F – Pisando no ritmo

Essa brincadeira foi pensada para trabalhar o espaço, o tempo, e a percepção das crianças. Apesar de parecer simples superou as expectativas, indo além dos objetivos propostos.

Usando um tapete com círculos coloridos e um par de pegadas laranja, onde marcava o início, cada jogador se posicionava na frente do tapete e só iniciava após o comando. No começo, fizemos uma demonstração de como seria a brincadeira. Então, quando a voz de comando dizia início, todos os jogadores pisavam no par de pegadas, e em seguida continuavam pisando nos círculos conforme a voz de comando indicava as cores e aquele que pisasse na cor errada passaria a vez para outro colega que aguardava.

No desenvolvimento da brincadeira, percebi que as crianças utilizavam diferentes estratégias de lateralidade e percepção de cores.

Quando a criança errava e pedíamos para que saísse do jogo, logo ficava com raiva, mas procuramos não dá importância, uma vez que a irritação passava em seguida. Então, ao final da atividade foi explicado que os jogos têm regras e que precisavam ser cumpridas, assim como tudo na vida. O objetivo do jogo não era ganhar, mas se divertir e aprender, o que era mais importante. Assim, em outro dia quando sugerimos o jogo novamente, ficou mais fácil à brincadeira. Elas mostraram-se unidas e motivadas a superar o desafio. Com tanto interesse não queriam deixar de brincar, dando continuidade a outras rodadas. A realização da brincadeira foi bastante produtiva, contribuindo positivamente para a aprendizagem e desenvolvimento da lateralidade, percepção e movimento das crianças.

- **Todo mundo têm um nome⁷**

Como foi desenvolvida:

Essa atividade foi desenvolvida em vários momentos e em vários dias, Podemos dizer que durou em média um semestre, pois percebemos que as crianças não reconheciam seu nome, algumas até escrevia, mas não sabia dizer qual era o seu nome se estivesse misturado com os de outras.

Começamos mostrando que cada pessoa tem um nome, que pessoas diferentes podem ter mesmo nome e que cada nome começa com uma letra.

Então, fomos trabalhando aos poucos as letras, pois nem todos conheciam as letras e através do jogo fomos apresentando, por exemplo, quando a letra do nome de

⁷ APÊNDICE G – Todo mundo têm um nome

algun deles era mostrada, uns e outros diziam que aquela era a letra do nome, e citava um colega.

Depois com o uso de ficha de nomes, mostrávamos a primeira letra e depois o nome completo e aos poucos, através da ficha com o primeiro nome, as crianças foram se apropriando e identificando a primeira letra e depois o seu nome completo.

Quando todas as crianças já conheciam o seu nome ou pelo menos a primeira letra dele, fizemos o bingo das letras e depois o bingo dos nomes.

No bingo das letras cada criança recebeu uma ficha com o seu primeiro nome em uma cartolina e algumas tampinhas de garrafa. Enquanto isso, em um saco cheio de letras, com a ajuda da professora, foram sendo sorteadas as letras, e a criança que tivesse a letra sorteada marcaria em uma tampinha.

A cada momento que era proposto um jogo com o nome eles fiavam muito animados, na ansiedade de aprender o seu nome e dos colegas da sala. A turma toda ficou envolvida e quando um (a) colega tinha dificuldade, quem estava do lado ajudava mostrando a letra sorteada.

No bingo dos nomes foram escritos todos os nomes em cartolinas e espalhados pela sala. Conforme o nome era sorteado, eles procuravam e quem acertasse entregava ao colega que tinha o nome que estava escrito.

Foi uma atividade divertida e interessante, pois a cada momento percebíamos a evolução das crianças e a professora destacou: “- Eu nunca tinha pensando em fazer isso com eles, mas agora vou usar sua ideia nos próximos anos.”

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Iremos discutir nesse tópico tomando como base as brincadeiras propostas e a experiência com nossa pesquisa, a luz da análise bibliográfica que foi realizada para o estudo e elaboração desse trabalho. Destacando as contribuições que a brincadeira trás em três áreas e ressaltando o desenvolvimento integral da criança pequena na escola.

3.1 Áreas do conhecimento

As atividades nas áreas do conhecimento estiveram baseadas no trabalho das professoras e também foram os mesmos propostos pelo RCNEI.

Como já foi bastante mencionado, o trabalho das professoras estava muito ligado ao livro didático, a atividades xerografadas e aulas explicativas, nas quais sentavam com os alunos em uma roda e explicava o conteúdo.

Então, mais uma vez diante dessa realidade, buscando enriquecer a pesquisa e contribuir para com as crianças, planejamos atividade lúdicas baseadas em linguagem, matemática e natureza e sociedade.

Na área de linguagem as professoras trabalharam muito as vogais, a oralidade e o nome das crianças, e seguimos os mesmos caminhos, buscando contribuir cada vez mais através de leituras, contações e invenções de histórias.

É necessário considerar que expor as crianças às práticas de leitura e escrita está relacionado com a oferta de oportunidades de participação em situações nas quais a escrita e a leitura se façam necessárias, isto é, nas quais tenham função real de expressão e comunicação. (RCNEI, 1998, p. 151).

As crianças adoravam a invenção de histórias, além de estimular bastante a oralidade. Entretanto, essa atividade acontecia esporadicamente próxima ao término da aula, quando a professora terminava os conteúdos. Então distribuíamos alguns objetos da sala entre as crianças, sentávamos no chão e entrávamos no mundo do “Era uma vez...”.

Na área da matemática desempenhamos brincadeiras usando os números, as formas geométricas e as cores. Eles se interessavam muito pelos números e gostavam de representar com os dedos indicando a quantidade.

Em natureza e sociedade exploramos o meio ambiente, no ano de 2013, com uma aula passeio ao Jardim Botânico Benjamim Maranhão, próximo a UFPB, onde observamos os animais, a vegetação, o clima e as águas. Esse passeio despertou muitos conhecimentos e teve um resultado bem significativo, pois as crianças tiveram a oportunidade de ter contato com a natureza e estudá-la, destacando a necessidade e importância da interação das crianças com outros ambientes dentro e fora da escola.

Trabalhamos também as profissões e a reciclagem de maneira bem lúdica e representativa.

3.2 Desenvolvimento Psicomotor

No começo do ano letivo de 2012 as crianças da EEBAS tinham atividades físicas com estudantes do Curso de Educação Física da UFPB, mas após a greve as mesmas deixaram de existir, e tudo que as crianças passaram a fazer foram tarefas em sala de aula.

No entanto, as professoras X e Y reconheciam a importância das atividades psicomotoras, mas não as priorizava, valorizando o grafismo e as atividades de repetição. Embora a escola tivesse materiais que poderiam ser utilizados para atividades motoras como: circuito psicomotor, cordas, bambolês e uma excelente estrutura coberta; os mesmos não eram usados.

O trabalho com movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças, abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como atividades voltadas para a ampliação da cultura corporal de cada criança. (RCNEI, 1998, p. 15)

Certamente as dificuldades das professoras estivessem em compreender a dimensão que as brincadeiras possuem em favorecer o desenvolvimento integral das crianças e conseqüentemente esse desenvolvimento psicomotor ficou apenas na realização de tarefas e nos momentos de recreio no parque da escola.

Ao percebermos essa realidade passamos a propor algumas brincadeiras e atividades que pudessem favorecer esse desenvolvimento psicomotor, como: pintura, recorte e colagem, com bolas, cordas e movimentos espaciais. As crianças gostavam muito, mas as professoras pouco participavam desses momentos, aproveitando o espaço para resolver outras coisas.

O estudo da psicomotricidade e a importância do desenvolvimento psicomotor estão bem aprofundados na área da saúde. Na educação, encontramos esses estudos mais presentes na Psicopedagogia, que buscará compreender as questões de relação da Psicologia com a Educação. Então, na Pedagogia essas discussões ainda são falhas, mas os estudos na saúde e a Psicopedagogia na educação têm contribuído muito para a importância do desenvolvimento psicomotor nas crianças, pois movimentar-se permite a criança conhecer o próprio corpo e o mundo ao seu redor.

O professor que trabalha com crianças pequenas precisa buscar esses estudos para aprofundar seus conhecimentos na área e permitir a criança um desenvolvimento

integral. Afinal, o desenvolvimento psicomotor envolve o desenvolvimento funcional de todo o corpo e nas brincadeiras isso é explorado de maneira bastante ampla.

O ideal seria que todos os educadores tivessem como respaldo para as suas atividades a Psicomotricidade, pois fariam com que nossas crianças realizassem experiência com o corpo, sendo indispensável no desenvolvimento das funções mentais e sociais. (ALVES, 2007, p. 132)

É sempre muito importante proporcionar à criança oportunidades para brincar e criar livremente suas brincadeiras e jogos. Pois, além de desfrutar da alegria de brincar, isto contribuirá significativamente para o seu desenvolvimento psicomotor. (MACHADO, 2011, p. 30)

Nas palavras dos autores podemos perceber o quanto é importante o desenvolvimento psicomotor e como esse favorece o desenvolvimento da criança pequena. Deste modo, é necessário ser trabalhado, seja nas atividades livres ou direcionados, a escola deve oferecer um ambiente favorável e o professor contribuir cada vez mais e não tornar-se resistente, acreditando que esse trabalho deve ser apenas dos professores de educação física, o desenvolvimento das crianças é de responsabilidade de toda a escola.

3.3 Socialização

A escola é um ambiente muito propício para a socialização da criança pequena por promover a troca de interações em um mesmo ambiente, passando a ser a responsável, de certa maneira, em contribuir através das brincadeiras para a formação da criança. Esse é um momento em que a criança deixa a proteção e atenção familiar e passa a conviver em sociedade, por isso, que é tão importante o trabalho que a escola desenvolve, devendo ter como compromisso contribuir para o desenvolvimento integral da criança pequena.

Durante os dias da pesquisa na escola lócus, observamos que os momentos de socialização das crianças eram apenas nos momentos de brincadeiras livres, na acolhida quando conversavam enquanto a professora recebia os colegas, na hora do lanche e em outros no qual a interação ocorria livremente. No entanto, as professoras X e Y não promoviam atividades lúdicas que favorecessem essa interação.

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. (VYGOTSKY 2007, p.117)

Os jogos simbólicos permitem um paralelo com a fantasia, com a realidade e por meio delas as crianças atribuem valores entre si e promovem a socialização.

Percebemos que nas atividades propostas as crianças reagiam animadas, mesmo nas atividades individuais, através da ajuda e da solidariedade. Mostravam-se tristes pelo colega que não alcançava os resultados e vibravam todos com os acertos.

Observamos através das brincadeiras um avanço em todas as áreas. As brincadeiras contribuíram bastante, pois as crianças saíam da zona abstrata e partiam para o concreto através de vivências e experiências. Desta maneira, as dificuldades foram respeitadas sabendo esperar o tempo e os limites de cada uma.

Diante das indagações que foram trazidas aqui, ressaltamos que a Educação Infantil, em meio a tantos desafios, ainda necessita de muito trabalho. Porém, considerando as suas conquistas, observamos que há possibilidades de melhorias cada vez mais significativas no âmbito das instituições educacionais que atende a primeira etapa da educação básica.

Um aspecto importante nessa fase é o caráter assistencialista ainda fortemente presente como uma ideia de uma educação para crianças pequenas, na concepção de pais e educadores. No entanto, destacamos a necessidade de uma abordagem teórica que possibilite a reflexão sobre o desenvolvimento integral da criança juntamente a formação dos profissionais da educação infantil.

Ratificamos a importância dos estudos que prioriza a necessidade de perceber a criança a partir dela mesma, ou seja, do seu próprio olhar. Ao levar em consideração este ser atuante, através da brincadeira conseguimos promover a atuação da criança enquanto ser social. “É importante destacar que estamos pensando na criança como sujeito de direitos, construtora de conhecimento e de cultura, que se expressa através de suas múltiplas linguagens, entre elas, o brincar, os gestos e a fala.” (ESCARIÃO, 2009, p.108).

Outro aspecto relevante diz respeito ao brincar como uma forma de linguagem, a criança utiliza dessa linguagem para se comunicar entre si e com os adultos. Friedmann (2005) afirma:

No ato de brincar, o ser humano se mostra na sua essência, sem sabê-lo, de forma inconsciente. O brincante troca, socializa, coopera e compete, ganha e perde. Emociona-se, grita, chora, ri, perde a paciência, fica ansioso, aliviado.

Erra, acerta. Põe em jogo seu corpo inteiro: suas habilidades motoras e de movimento vêm-se desafiadas. (p. 88)

Diante dessa perspectiva, propomos a relevância dos nossos estudos tanto no plano prático, quanto no plano teórico e destacamos a importância da pesquisa na escola lócus, onde vivenciamos a realidade e fizemos as intervenções para alcançarmos nossos objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo é resultado de uma pesquisa que foi desempenhada durante dois anos de formação acadêmica, através do PROLICEN e que favoreceu uma ampla reflexão teórica permitindo um olhar através da prática com as brincadeiras no sentido de favorecer o desenvolvimento e aprendizagem da criança pequena na escola através do lúdico, destacando que essa pode ser uma atuação pedagógica possível.

A viabilidade em razão da relevância do estudo ressaltou a importância de refletir criticamente sobre o brincar na educação infantil, assim como, a possibilidade de revisão das práticas pedagógicas dos professores como forma de garantir uma melhoria na qualidade dessa etapa da educação básica atendendo às reais necessidades e expectativas da criança pequena na escola.

No plano prático, os resultados alcançados, as observações no campo de pesquisa bem como as atividades desenvolvidas foram satisfatórias. As brincadeiras realizadas na Escola de Educação Básica da UFPB contribuíram para o desenvolvimento de aspectos motores, expressão oral, percepção lógica, visual, artística, dentre outros aspectos que foram trabalhados com as crianças pequenas entre 4 e 5 anos de idade.

Contudo os melhores resultados estiveram no prazer das crianças em participarem e se divertir ao aprender brincando. A receptividade e participação das mesmas foram predominantes em todos os momentos da execução das atividades. O trabalho foi feito igualmente para todos, considerando que as atividades lúdicas reforçavam a questão da coletividade, do desenvolvimento e aprendizado da criança pequena na escola, sendo perceptível observar a relação de troca entre elas.

Além disso, outro aspecto constatado por meio dos resultados obtidos refere-se à formação continuada do professor da educação infantil. As mesmas puderam incluir em seu planejamento estratégias lúdicas, ao enxergar com um novo olhar a brincadeira na educação infantil, continuando a estabelecer uma possibilidade de usar a brincadeira como instrumento de ação pedagógica.

Durante a nossa pesquisa encontramos pontos negativos, falta de motivação, desinteresse, desconhecimento por parte da equipe pedagógica, mas também vimos crianças com sorrisos largos que apesar dos problemas e incertezas que enfrentavam, buscava alcançar novos espaços, e através delas enxergamos ações criativas,

demonstrações de carinho e amor que nos mostram que Educar é muito mais que um trabalho, é uma opção, uma escolha de vida e esta deve ser valorizada por todos.

REFERENCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade: corpo, ação e emoção**. 38 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007. 164p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 05 out 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 20/05/2014.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394/1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 20/05/2014.

_____. **Resolução CNE/CBE n. 5, de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Câmara de Educação Básica/CNE/MEC, 2009.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 8.069/1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.html> Acesso em: 20/05/2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações gerais**/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2004. Disponível em: <http://www.oei.es/quipu/brasil/ensino_fundamental_9anos_orientaciones.pdf > Acesso em: 20/05/2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o Futuro: Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas**. 2ª edição / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=eF7pU_i4OMXKgATL5oDYBA&gws_rd=ssl#q=Salto+para+o+Futuro%3A+Jogos+e+brincadeiras%3A+desafios+e+descobertas >. Acesso em: 08/01/2014.

CONH, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

DE MAUSE, Lloyd. **História de la infância**. Madri, Alianza Universid: 1991.

DIAS, Adelaide Alves. Infância e Direito à Educação. In: BITTAR, Eduardo C. B; TOSI, Giuseppe. (Org.). **Democracia e Educação em Direitos Humanos numa Época de Insegurança**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, 2008, v. 1, p. 227.

ESCARIÃO, Andréia Dutra. **O que pensa a criança pequena sobre a escola infantil**. João Pessoa, 2009. 128 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009, p.25.

FRIEDMANN, Adriana. **O Universo Simbólico da Criança: olhares sensíveis para a infância**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **O brincar no Cotidiano da Criança**. São Paulo: Moderna, 2006.

KRAMER, Sônia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (org). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **A infância e sua singularidade**. In: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: MEC/SEB, 2007.

KUHLMANN Jr., Moyses. Histórias da educação infantil brasileira. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 4, p.5-18, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_03_MOYSES_KUHLMANN_JR.pdf>. Acesso em: 20/05/2014

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade**. Cadernos de Pesquisa do Núcleo de FAGED/UFBA, vol. 2, n.21, 1998, p. 9-25.

MACHADO, Maria Lucia de A. Educação infantil e sócio-intetacionismo. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (org). **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 2007.

MACHADO, José Ricardo Martins. **100 jogos psicomotores: uma prática relacional na escola** / José Ricardo Martins Machado, Marcus Viniccius da Silva Nunes – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7. ed, São Paulo: Cortez, 2011.

PEREIRA, Lucia Helena Pereira; BONFIM, Patrícia Vieira. Brincar e aprender: um novo olhar para o lúdico no primeiro ano do Ensino Fundamental. **Revista do centro de**

educação UFSM. Santa Maria, v. 34, n.2, p. 295-310, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacao>>

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1978.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca:** implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23.ed. ver. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Claudia; SOUZA Danila Aparecida Ferreira. **A importância da psicomotricidade na educação infantil.** IN: Revista Pitágoras, v. 01, n. 1. 2011. Disponível em:<<http://www.finan.com.br/pitagoras/downloads/numero1/a-importancia-da-psicomotricidade.pdf>> Acesso em: 10/06/2014

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

_____. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes. 7. Ed., 2007

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na educação infantil.** Caderno de pesquisa, São Paulo, n. 92, p. 62 – 69, fev. 1995.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário para entrevista com professores da EEBAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Prezado (a) Professor (a), solicito a vossa colaboração para responder as questões que foram elaboradas para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso, resultado da experiência com o PROLICEN, através do lúdico na Escola de Educação Básica da UFPB. As informações coletadas por esse questionário, serão utilizadas para analisar e refletir sobre o brincar na Educação Infantil.

Portanto, conto com a vossa colaboração.

Grata.

Eugenia Priscila Pereira Xavier (Bolsista PROLICEN – UFPB)

Nome: _____

1. Idade: _____ Sexo: _____

2. Formação Acadêmica: _____

3. Instituição na qual se formou: _____

4. Ano de conclusão do curso: _____

5. Possui pós-graduação? Qual? Onde? _____

6. Vínculo empregatício com a EEBAS: _____

7. Tempo de serviço na EEBAS: _____

8. Tempo de serviço na Educação Infantil: _____

9. O que você entende por atividades lúdicas?

10. Em sua sala de aula costuma desenvolver atividades lúdica com as crianças?

Quais e em que momento?

11. Ao avaliar a criança o que você considera sobre o seu desenvolvimento?

12. Para você a brincadeira contribui para o desenvolvimento e aprendizado das crianças? De que maneira?

13. Quais as dificuldades que você encontra para desenvolver atividades lúdicas na Educação Infantil?

14. As atividades com jogos, brinquedos e brincadeiras estão inseridas em seu planejamento ou elas são desenvolvidas no momento mais oportuno, quando sente a necessidade?

15. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI 1998, p. 28), “por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular”. Como professor da Educação Infantil, como você analisa essa afirmativa?

APÊNDICE B – Amarelinha

Material utilizado:

- Fita colorida ou giz e uma pedrinha.

Aspectos trabalhados:

- Agilidade
- Brincadeira
- Concentração
- Equilíbrio
- Lateralidade
- Movimento
- Percepção espacial
- Psicomotricidade
- Respeito às regras

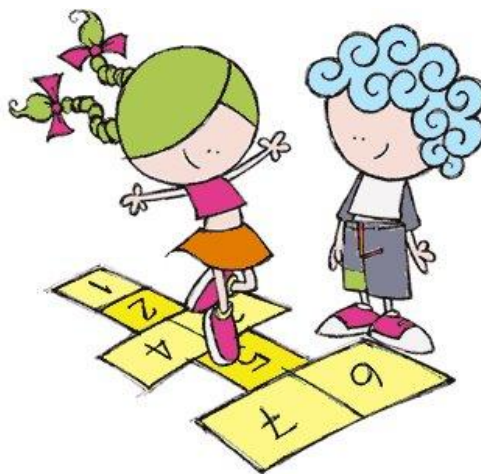


Imagem 1 – Brincadeira da amarelinha
Fonte: www.google.com/imagens/amarelinha

APÊNDICE C – Bilboquê

Material utilizado:

- Uma garrafa de refrigerante com tampa cortada ao meio para cada criança, papel, jornal ou revista, barbante e fita adesiva colorida.

Aspectos trabalhados:

- Agilidade
- Concentração
- Coordenação motora
- Jogos e brincadeiras
- Movimento



Imagens 2 e 3: Brincando com o bilboquê
Fonte: Arquivo pessoal

APÊNDICE D – Jogo do boliche**Material utilizado:**

- Cinco garrafas de refrigerante, fita adesiva ou durex colorido, uma bola plástica, cartolina com o nome das crianças (placar) e hidrocor.

Aspectos trabalhados:

- Agilidade
- Concentração
- Coordenação motora ampla
- Jogos e brincadeiras
- Movimento
- Percepção
- Reconhecimento dos números e soma

- Respeito às regras



Imagens 4 e 5: Jogo de boliche
Fonte: Arquivo pessoal

APÊNDICE E - Conhecendo as profissões

Material utilizado:

- Caixa surpresa com objetos utilizados em algumas profissões, como: estetoscópio, seringa, escova de dente e creme dental, panela, linha e agulha, nariz de palhaço e câmera fotográfica.

Aspectos trabalhados:

- Oralidade
- Reconhecimento dos objetos
- Conhecer as profissões através dos objetos
- Expressão corporal



Imagens 6 e 7: Conhecendo as profissões

Fonte: Arquivo pessoal

APÊNDICE F - Pisando no ritmo

Material utilizado:

- Tapete de tecido com círculos em cores diferentes;

Aspectos Trabalhados:

- Concentração
- Coordenação motora
- Equilíbrio
- Jogos corporais
- Lateralidade
- Percepção visual
- Reconhecimento das cores;
- Respeito as regras



Imagens: 8 e 9: Pisando no ritmo

Fonte: Arquivo pessoal

APÊNDICE G - Todo mundo têm um nome

Material utilizado:

- Tampinhas de garrafa pet, cartolina e canetinhas coloridas.

Aspectos trabalhados:

- Oralidade;
- Reconhecimento das letras;
- Concentração;

- Percepção visual.



Imagem 10 (esquerda): De quem é esse nome? e imagem 11 (direita): Bingo dos nomes

Fonte: Arquivo pessoal

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
PROJETO DO PROLICEN

TERMO DE CONSENTIMENTO

Senhores pais,

Solicito autorização para seu filho (a) _____ participar do projeto de extensão que tem como tema “O brincar favorecendo o desenvolvimento e a aprendizagem da criança na escola”. O objetivo é analisar como a brincadeira pode favorecer os processos de desenvolvimento e de aprendizagem da criança pequena na escola.

A pesquisa acontecerá na própria escola, durante as atividades pedagógicas realizadas pela professora e outras atividades desenvolvidas com a finalidade de coletar os dados para o referido projeto. A coleta de dados será realizada através das brincadeiras realizadas pelas professoras, outras planejadas pelos alunos envolvidos no projeto e observações livres das brincadeiras e interações no dia-a-dia da sala de aula.

As atividades serão fotografadas, para fins de registro e análise dos objetivos propostos. Após a coleta de dados e finalização do projeto, farão parte dos relatórios encaminhados ao PROLICEN.

Será garantido o sigilo dos dados obtidos e o anonimato dos participantes do projeto. A participação de seu/sua filha nesse projeto não representa nenhum prejuízo para o/a mesmo/mesma, porém será de grande contribuição para os estudos sobre a brincadeira como favorecedor do desenvolvimento e do aprendizado das crianças na escola.

Estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Certos de sua anuência e valiosa cooperação agradecemos antecipadamente.

Cordialmente,

Eugenia Priscila Pereira Xavier
 Bolsista PROLICEN - UFPB

Destaque e devolva assinado a professora de seu/sua filho(a)

Nome do aluno (a): _____

Autorização concedida: () Sim () Não

Assinatura do responsável: _____

Data: ____/____/2013